

**A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O TRÂNSITO CULTURAL: UMA
LEITURA COMPARATIVA DE AZUL CORVO, DE ADRIANA LISBOA, MAR AZUL,
DE PALOMA VIDAL, E O INVENTÁRIO DAS COISAS AUSENTES, DE CAROLA
SAAVEDRA**

**THE (RE)CONSTRUCTION OF THE IDENTITY AND THE CULTURAL TRANSIT: A
COMPARATIVE READING OF BLUE CROW, FROM ADRIANA LISBOA, BLUE SEA,
FROM PALOMA VIDAL, AND THE INVENTORY OF MISSING THINGS, FROM
CAROLA SAAVEDRA**

Profa. Ma. Patricia Mariz da Cruz
Universidade Federal Fluminense (CAPES/PROEX)
patricia.marizcruz@gmail.com

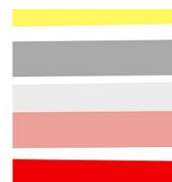
Profa. Dra. Stefania Rota Chiarelli
Universidade Federal Fluminense
stefania.techima@uol.com

8

Resumo: No que diz respeito à experiência do exílio, Edward Said (2003) afirma que ela se configura por ser uma fratura incurável entre o indivíduo e a terra natal, afetando o modo como o mundo exterior será enxergado por ele. Diante disso, as narrativas de *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa, *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, e *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, são construídas: Vanja, a narradora inomeada e Nina, respectivamente, são personagens femininas que precisam reconstruir as suas identidades mediante a vivência em uma outra cultura. No desvelar das histórias, pode-se perceber a necessidade que elas têm de se compreenderem e tal tentativa se realiza pela recuperação de suas vivências pretéritas e pelos vestígios de suas ancestralidades. Assim, por meio de uma leitura comparativa entre os romances e sob a luz de teóricos como Stuart Hall (2011) e Eurídice Figueiredo (2016), este artigo propõe uma reflexão acerca da construção identitária e da necessidade de compreensão própria mediante a experiência do trânsito cultural vivida pelas protagonistas.

Palavras-chave: Identidade; Exílio; História familiar.

Abstract: About the exile experience, Edward Said (2003) claims that it is configured as an incurable brake between a man and his land, affecting how he will see the exterior world. From this, the novels *Blue crow* (2010), from Adriana Lisboa, *Blue sea* (2012), from Paloma Vidal, and *The inventory from missing things* (2014), from Carola Saavedra, are constructed: Vanja, the unknown storyteller and Nina, respectively, are female characters who must reconstruct their identities through living within another culture. While the story development, it is noticeable the characters' necessity to comprehend themselves and that attempt happens itself through the memory of past experiences and the remains of their ancestry. Thus, through a comparative reading between the novels and under the light of theorists such as Stuart Hall (2011) and Eurídice Figueiredo (2016), this article proposes a reflection of the



identity construction and the necessity of comprehension from the experience of the cultural transit lived by the protagonists.

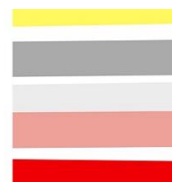
Keywords: Identity; Exile; Family history.

1 Introdução

Publicados na atual década, os romances *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa, *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, e *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, têm em comum, além do fato de serem narrativas protagonizadas por personagens femininas, a experiência do trânsito cultural e o refazer identitário em meio a essa vivência. As protagonistas são mulheres que, diante da condição de estrangeiras, precisam se compreender melhor e buscam, nessa vivência e nos vestígios das memórias de família, as possibilidades que podem auxiliar no conhecimento das suas construções identitárias.

O romance de Adriana Lisboa é narrado por Vanja, uma adolescente que, com a morte prematura da mãe, decide ir procurar Daniel - seu pai biológico desconhecido -, mudando-se de Copacabana, no Rio de Janeiro, para Lakewood, nos Estados Unidos. Ao longo da narrativa, nós, leitores, acompanhamos a adaptação da protagonista na nova cultura – que, em sua fase inicial, é marcada pelo estranhamento e pelo apego à cultura brasileira –, a busca paterna e o estreitamento dos laços afetivos com Fernando, o ex-marido da mãe e com quem ela vai morar após a saída do Brasil. Tudo isso influencia na construção da identidade de Vanja que, na procura por encontrar e conhecer Daniel, reflete sobre as transformações ocorridas em sua vida. Além disso, é possível notar as mudanças sofridas pela narradora, as quais são exacerbadas por ela ser uma adolescente vivenciando a experiência de mudança cultural.

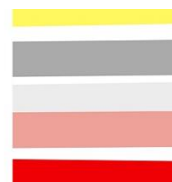
Em *Mar azul*, a história é contada por uma narradora idosa não identificada. Ela nasceu na Argentina, mas, durante a década de 1970, precisou se mudar para o Rio de Janeiro devido ao desaparecimento da melhor amiga, Vicky, que militava contra o governo ditatorial argentino. As lembranças da infância e adolescência e as memórias da saída da terra natal surgem para a protagonista através da leitura dos cadernos paternos, os quais foram deixados para ela como herança. A necessidade de conhecer e compreender melhor a intimidade do pai



– que a deixou aos dez anos de idade para trabalhar na construção da futura capital brasileira, Brasília – faz com que ela leia os diários e (re)viva as suas reminiscências, auxiliando-a tanto na compreensão de si quanto no conhecimento paterno.

Já na narrativa de Carola Saavedra, a história da protagonista Nina é contada por um narrador onisciente. O romance divide-se em dois capítulos: “Caderno de anotações” e “Ficção”, os quais, aparentemente, tratam-se do encontro do narrador com Nina e, posteriormente, com o pai. Neste artigo nos centraremos na primeira parte, dedicada à história da personagem feminina e da família que saiu da Espanha rumo ao Chile, desembarcando, tempos depois, no Brasil. O narrador conhece a história familiar de Nina porque ela lhe entrega dezessete diários, os quais, supostamente, narram a saga de sua família, desde a chegada a Valparaíso, cidade litorânea chilena. Ao longo do capítulo, é possível perceber que a identidade da protagonista é construída não somente pelas experiências vividas, mas, principalmente, pela história familiar, marcada pelo trânsito cultural e pela ausência de algo irrecuperável, perdido ao longo das gerações. Além disso, podemos acompanhar a mudança da personagem para a Inglaterra e a solidão sentida durante o período. Pelo olhar do narrador em terceira pessoa, é possível compreender a constituição da protagonista antes, durante e depois da viagem e como isso a afetou.

Assim, após um breve resumo dos romances, percebemos que as personagens femininas passam pela mesma experiência: o deslocamento para outra cultura e a necessidade de reconstrução das identidades. No entanto, ao contrário da afirmativa de Stuart Hall (2011, p.13), o desenvolvimento identitário não se finda com a morte, pois, para elas, o conhecimento da história familiar auxilia na composição desse processo. Nos romances analisados, as protagonistas, em meio ao trânsito cultural, procuram na memória do passado – individual ou familiar – os vestígios que podem auxiliar no processo de compreensão de si. Com isso, através de teóricos como Stuart Hall (2011), Edward Said (2003) e Eurídice Figueiredo (2016), este artigo propõe uma reflexão acerca da constituição da identidade das protagonistas de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra, por meio da experiência de trânsito cultural e das memórias de família.

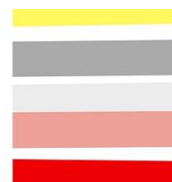


2 Memórias de família e experiências de vida

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011, p.12), afirma que, diferentemente do proposto no século XIX, na contemporaneidade, a identidade não pode mais ser considerada um conceito fixo, atrelada à nacionalidade, devendo, então, ser concebida como um processo, terminando com a morte. A alteridade, então, constitui-se mediante a história de vida pessoal e, com isso, não pode ser entendida como algo unificado, definida no momento do nascimento. Para Hall: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (2011, p.13) e, assim, o indivíduo atual é atravessado por múltiplas e conflituosas identidades, as quais são consideradas voláteis, pois podem mudar de acordo com a situação, contribuindo, dessa forma, para a sensação de deslocamento sentida pelo sujeito contemporâneo. Essa concepção do teórico pode ser relacionada, em parte, nas narrativas de *Azul corvo*, *Mar azul* e *O inventário das coisas ausentes*. Nelas, a identidade realmente é percebida como uma construção desenvolvida ao longo da vida, a qual, nas personagens femininas de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra, é atravessada pela experiência de trânsito cultural. Entretanto, pode-se observar que tal processo, ao contrário do postulado por Hall, não se finda com a morte, sendo continuado pelas (re)criações oriundas das memorações das gerações seguintes.

Nos romances, as protagonistas Vanja, de *Azul corvo*; Nina, de *O inventário das coisas ausentes*, e a narradora inominada de *Mar azul*, ao viverem a experiência de trânsito cultural, buscam a reconstrução de suas alteridades mediante o deslocamento para uma nova cultura. Entretanto, ao longo das narrativas, podemos observar que a constituição identitária não se baseia somente naquilo que é ou foi vivido pelas personagens: a formação da alteridade delas sofre influência da ancestralidade, mostrando o quanto o conhecimento do passado da família é importante para a compreensão individual.

Em Adriana Lisboa, por exemplo, podemos entender a necessidade de conhecer o pai, Daniel, como um fator que pode permitir a compreensão de Vanja sobre si mesma. O conhecimento paterno possibilita o acesso às histórias familiares e o reconhecimento de si nelas. Além disso, as memórias no Brasil com a mãe Suzana fazem com que a protagonista se reconheça na lembrança da imagem materna, identificando-se também com a vida da mãe, pois, assim como ela, Suzana perdera a mãe cedo, mudando-se do Rio de Janeiro para o



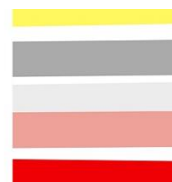
Texas, nos Estados Unidos, e indo morar com o pai. O relacionamento dos dois foi rompido ainda na adolescência e, conforme a narradora observa, tal atitude foi a primeira da mãe que, segundo Vanja, “gostava de romper relações com os homens e desaparecer de suas vidas” (LISBOA, 2010, p.37). Nesse sentido, a alteridade da narradora é constituída pela consequência dos atos maternos. Ao mesmo tempo, a adolescente repete a história de vida materna, ao perder a mãe prematuramente, indo viver com o pai fora do Brasil.

A questão da memória também aparece em *Mar azul*, por meio da narradora que, dentre as rememorações suscitadas na leitura dos cadernos paternos, lembra-se dos momentos compartilhados e dos hábitos dele: “Meu pai decidiu anotar o que estava perdendo nestes cadernos, que hoje são minha herança (...). Mesmo longe devo ter intuído isso, porque desde cedo adquiri também o hábito da anotação” (VIDAL, 2012, p.42). A conclusão da narradora, que tem o mesmo costume, gera uma semelhança com o pai ausente e, dessa maneira, há a possibilidade da compreensão de si. O acesso à intimidade dele, por meio dos diários, é entendido pela protagonista de Paloma Vidal como uma forma de conhecer e compreendê-lo melhor, aproximando-se dele, mesmo depois da morte.

12

No romance de Carola Saavedra, apesar de a história de Nina ser contada em terceira pessoa, é possível perceber a influência da saga familiar da personagem na sua constituição identitária. Ao termos acesso às experiências vividas por seus antepassados, verificamos que algo é perdido no relacionamento entre pais e filhos nas gerações da família de Nina, reverberando na identidade. Segundo o narrador, a própria personagem conclui isso, ao lhe dizer que “não é possível falar do outro sem falar de si mesmo” (SAAVEDRA, 2014, p.46). Desse modo, os diários, os quais narram a saga familiar, podem ser entendidos como uma ponte, auxiliando o narrador na compreensão da personalidade de Nina, após o seu abandono. Percebemos, assim, que, nas narrativas, ao contrário do postulado por Hall (2011, p.13), a constituição identitária não termina com a morte, pois o percurso da família influencia na alteridade, que é (re)criada nas gerações posteriores.

A partir disso, nos romances contemplados, vemos a história de pais e mães ecoando na vida dos filhos. Em *Azul corvo*, a morte materna prematura marca a vida de Suzana e se repete com Vanja, além da ausência paterna e da saída do Rio de Janeiro para os Estados Unidos. O mesmo acontece em *Mar azul*: pai e filha saem da Argentina e desembarcam no Brasil devido às questões políticas e ambos conservam o hábito da anotação do cotidiano. O

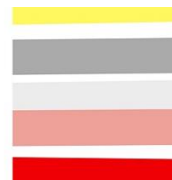


inventário das coisas ausentes, por outro lado, em uma perspectiva mais ampla, conta a ancestralidade de Nina, cuja perda de algo no relacionamento entre pais e filhos se perpetua nas gerações posteriores, assim como a mudança para outra cultura. Dessa forma, o trânsito cultural marca a história familiar – fato que será analisado mais adiante –, atravessando as gerações e influenciando a construção identitária das protagonistas.

Sobre isso, Eurídice Figueiredo, no artigo “A narrativa de filiação dos escritores judeus brasileiros” (2016), afirma que a constituição da alteridade recebe influência do percurso da família e o entendimento de si somente se torna possível caso haja o conhecimento e a compreensão da ancestralidade. A assertiva da autora reforça a fala da personagem Nina, vista mais acima. Desse modo, torna-se possível compreender que a alteridade é constituída mediante a relação com o exterior, seja este o outro ou o mundo. Figueiredo, retomando Dominique Viart, afirma ainda que a perda de referências na contemporaneidade faz com que o indivíduo procure “reconstruir a história de suas origens a fim de compreender melhor a sua situação e a sua herança” (2016, p. 91). Com isso, entendemos a necessidade de (re)construção das origens pelas personagens como uma tentativa de se compreenderem. Ao se referir ao teórico francês Laurent Demanze (2016, p.82), a autora acrescenta que o escritor contemporâneo possui a preocupação sobre tal conhecimento, porque entende o outro como um espelho de si.

No entanto, cabe ressaltar que a construção da identidade e a tentativa de compreensão de si pelas personagens acontecem diante dos vestígios das memórias familiares, pois Vanja e a narradora de Paloma Vidal não possuem o acesso completo a tais histórias. Isso acontece por conta da influência do trauma presenciado e vivido por seus pais, como acontece com Fernando que, ao conviver com Vanja, conta a ela a sua história, e com o pai de *Mar azul*, através dos escritos deixados para a filha. Em *O inventário das coisas ausentes*, mesmo tendo o narrador em terceira pessoa, pode-se verificar a existência dos vestígios da saga familiar, não somente por ser contada de modo fragmentário, mas também porque o próprio narrador duvida da veracidade dos escritos deixados para ele:

(...) Nina foi embora, eu nem mesmo sabia para onde e fiquei ali com aqueles diários (...). Digressões sem sentido, filosofias baratas, histórias de família. Não que houvesse alguma pretensão literária, para ela a literatura parecia tão distante quanto o tabuleiro de xadrez. De qualquer forma, Nina tinha dezessete cadernos completos (...) eu costumava olhar com desconfiança para



eles, me deixavam de mau humor, raramente lia algum trecho, e quando o fazia, me vinha a estranha sensação de que não era ela, não era aquela a sua história (SAAVEDRA, 2014, p.26).

Além disso, assim como acontece com o trauma da shuá, analisado por Figueiredo em seu artigo, os pais das protagonistas de Adriana Lisboa e Paloma Vidal também sofreram com traumas de origem política¹: Fernando, o ex-marido de Suzana e o pai legal de Vanja, militava contra o regime ditatorial brasileiro, enquanto o pai da narradora de *Mar azul*, apesar de não haver a nomeação explícita no romance², parece ter feito parte da *Revolución libertadora*³, movimento cívico-militar que tentou acabar com o golpe militar que retirou o presidente argentino Juan Domingo Perón do poder. Em Carola Saavedra, o trauma político paterno acontece no segundo capítulo do romance, a partir do pai do narrador. No entanto, o avô paterno de Nina, por um momento da sua vida, fez parte do movimento comunista no Chile e depois se tornou um religioso fervoroso, o que influenciou na criação de seu pai e, consequentemente, na sua. Diante disso, é possível perceber que tais traumas reverberam na alteridade das protagonistas, não somente pelo modo como foram educadas, mas também porque podemos notar a necessidade, sentida por elas, de contar tais histórias. É como se os verdadeiros participantes desses eventos não pudessem expor em palavras os acontecimentos – o que é evidenciado no artigo “Crítica do testemunho” (2002), de Beatriz Sarlo, sobre a incapacidade de falar sobre o trauma vivido –, cabendo a elas, de modo semelhante a uma herança, escrever a respeito disso.

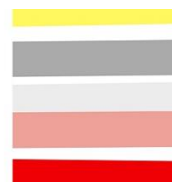
14

Outra questão presente nas narrativas é a época vivida pelas protagonistas. Em Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra, a experiência do trânsito cultural ocorre durante a adolescência, período caracterizado pelas diversas mudanças corporais e psicológicas. Isso, de acordo com Stefania Chiarelli (2016), exacerba a característica de

¹ É possível também pensar a existência desse trauma nas próprias autoras, já que em todos os romances podemos verificar a referência ou a contextualização durante a década de 1970, período em que houve regimes ditatoriais na América Latina.

² Tal inferência se torna possível devido às datas presentes nos cadernos paternos lidos pela narradora e pela sua história de vida. Ela afirma que foi abandonada pelo pai em 1956, ano em que ele se mudou para Brasília. Neste mesmo ano ocorreu o massacre de José León Soares, acontecimento que marcou a história da Argentina, conforme afirma o artigo de Mario Cámara: “Voces que regresan. Memoria y herencia en tres novelas brasileñas contemporáneas” (2014). Além disso, a narradora também afirma que o pai vivia ausente, partindo sempre, e tinha um comportamento suspeito: “Havia em meu pai algo de clandestino” (VIDAL, 2012, p.105), o que nos leva a inferir que tanto a sua ausência quanto a sua partida possuem motivações políticas.

³ Revolução libertadora (tradução livre).

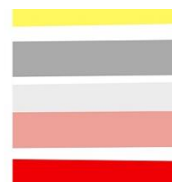


transitoriedade nas narrativas, já que o trânsito não se refere somente à cultura, mas também à fase da vida. Para a autora, “estas estrangeiras vivenciam a passagem para a vida adulta de forma concomitante ao movimento entre cidades, culturas e sotaques” (CHIARELLI, 2016, p.160).

Em *Azul corvo*, podemos encontrar tal percepção no relato da narradora Vanja: “Eu parecia me transformar progressivamente em outra coisa, como se estivesse passando por uma lenta mutação” (LISBOA, 2010, p.16). Assim, as impressões iniciais da protagonista a respeito da cultura e da nova paisagem, a qual ela considera estranha, juntam-se à mudança corporal inerente à adolescência. No romance de Paloma Vidal, porém, não encontramos as marcas temporais tão definidas como acontece em Adriana Lisboa, mas conseguimos acompanhar, por meio da rememoração da personagem, a infância e a juventude. A passagem de um período para o outro é marcada pela partida traumática do pai para Brasília e a própria partida para o Brasil após o desaparecimento da melhor amiga. De modo análogo, a fase adulta de Nina é também inaugurada por traumas, por conta da saída do Brasil para a Inglaterra, da inadaptabilidade no local e também de um relacionamento abusivo com o marido.

Desse modo, a experiência do trânsito cultural vivido pelas protagonistas é concomitante à vivência de eventos traumáticos como a morte materna, da melhor amiga e de uma relação amorosa. Tais acontecimentos ajudam a aumentar o sentimento de solidão sentido por elas. Assim, a juventude das personagens é marcada não somente pela mudança para um novo país, mas também pela solidão que, como veremos mais adiante, é um sentimento característico da condição de estrangeiro. Em *Azul corvo* e *Mar azul*, a morte marca e motiva a saída de seus países, exacerbando tal sentimento nas narradoras que, ao contrário de Nina, são órfãs de mães e têm pais desconhecido e ausente, respectivamente.

Os romances de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra evidenciam e refletem sobre a constituição da alteridade na contemporaneidade, através de personagens femininas, as quais, diante da partida para uma nova cultura, precisam lidar com a solidão e com eventos traumáticos que envolvem a morte da mãe, da amiga e de um relacionamento. A transitoriedade se configura não somente devido à mudança para a nova cultura, mas também por conta dos períodos de vida das personagens. Em meio a isso, elas sentem a necessidade de entendimento próprio e, assim, as memórias de família surgem como uma ajuda, a qual pode

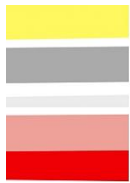


viabilizar a compreensão de si. Através dos restos das histórias dessas reminiscências, elas (re)constroem as suas origens, permitindo entender aquilo que Hall (2011, p.13) considera ser a identidade: ela é um processo histórico, construída mediante as experiências de vida e no relacionamento com o outro. No entanto, a análise das narrativas permite afirmar que esse processo não termina com a morte: ele se renova nas gerações futuras e se (re)constrói nas lembranças.

3 Identidades em trânsito: comparações, paisagens e afetos

Como vimos, a identidade das protagonistas recebe influências das histórias dos ancestrais, mas a alteridade também é modificada pelas vivências pessoais. Todas as personagens vivem o trânsito cultural durante a juventude, o que as impacta profundamente, influenciando, assim, o modo como entenderão o mundo. Para Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003, p. 46), a experiência do exílio se constitui por ser uma fratura incurável entre o indivíduo e a terra natal, mudando, completamente, o modo de interpretar o exterior. Essa fratura acontece porque, uma vez que o indivíduo sai do país de origem, ambos jamais voltarão a ser os mesmos.

A experiência de mudar para outra cultura provoca uma transformação no indivíduo, que não enxerga mais o mundo exterior da mesma maneira. Enquanto isso ocorre, mudanças atingem o seu país natal, sejam elas de ordem política, econômica, cultural ou, até mesmo, territorial. Assim, o modo como o estrangeiro imagina o lugar é fixado na memória do passado, não correspondendo à realidade do presente, provocando uma angústia permanente, pois algo foi deixado para trás para sempre, conforme afirma Said (2003, p.47), e o estrangeiro não pertence mais a essa nova realidade, seja por viver em outro território, seja aquela vivida no país de origem. Com isso, a experiência do exílio desloca o indivíduo para sempre, já que ele será atravessado pelo sentimento de não-pertencimento tanto por viver em um outro lugar quanto porque a cultura de origem não é mais aquela lembrada por ele. A respeito disso, a narradora de *Azul corvo* reflete sobre os desdobramentos da sua realidade após a saída do Brasil:



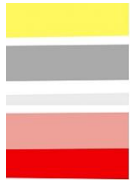
Depois que você passa tempo longe demais de casa, vira uma intersecção entre dois conjuntos, como naqueles desenhos que fazemos na escola. Pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles. Você passa a ter uma memória sempre velha, sempre ultrapassada de casa. As pessoas estão escutando sem parar tal música no Brasil, toca na novela, toca na rádio. Seis meses depois você descobre a música por acaso, gosta dela, e a imensa popularidade prévia parece uma espécie de traição. É como se as pessoas estivessem trocando segredos, e você sempre se surpreendendo com notícias velhas (LISBOA, 2010, p.97).

Nos romances de Adriana Lisboa e Paloma Vidal, esse “algo deixado para trás”, expresso por Said, pode ser ilustrado também pelos bens materiais que faziam parte da vida das personagens antes da mudança para a outra cultura e que não foram levados. Em *Azul corvo*, ao preparar as malas para embarcar, Vanja afirma que escolhas foram necessárias, pois nem todos os seus pertences caberiam. Livros, tênis, brincos, bichos de pelúcia e roupas de calor não se mudariam com ela, não somente por não caberem nas malas, mas também por pertencerem à infância da personagem que, como já vimos, estava em uma fase de transição, tornando-se adolescente. Assim, podemos compreender a escolha em não levar os artigos pessoais infantis como um rito de passagem, indicando o início da fase adolescente. A partida para Lakewood deixa para trás, então, o cotidiano no Rio de Janeiro e a infância da personagem.

17

Nesse aspecto *Mar azul* se assemelha à *Azul corvo*: os bens pessoais da narradora também não foram levados para o Rio de Janeiro. Entretanto, ao contrário do ocorrido com Vanja, a escolha aconteceu às pressas, por conta do medo do regime militar, e desencadeada pelo desaparecimento de Vicky: “Guiadas pelo medo, a mãe dela e eu nos encarregamos num tempo recorde de distribuir tudo entre amigos e deixar a casa em condições de que outros a alugassem” (VIDAL, 2012, p.161). Assim, em Paloma Vidal, as coisas materiais deixadas na Argentina podem ser interpretadas como vestígios de uma escolha a qual a narradora foi compelida a fazer.

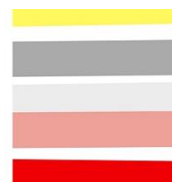
Além disso, a vivência em duas culturas permite a pluralidade de visão no indivíduo, o que acontece por meio da comparação cultural. As personagens femininas de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra realizam tais cotejos entre as culturas de nascimento e de deslocamento. Em *Azul corvo*, a comparação estabelecida por Vanja acontece em seus primeiros meses vivendo em Lakewood. O contato inicial com o local é descrito pelo sentimento de estranheza, o qual se deve em relação à cultura e, principalmente, no que diz



respeito ao ambiente local. Ela considera a paisagem de Lakewood hostil, não somente devido à composição do cenário, descrito como “plana, lisa, seca, tediosa, poeirenta, uniforme, contínua, constante, chata, sem graça” (LISBOA, 2010, p.30), mas porque, no cenário de Copacabana, é onde ela tem as memórias dos momentos partilhados com a mãe. A presença da natureza, através do mar, da praia, do clima tropical e das exuberantes árvores, está presente nas lembranças partilhadas entre ela e a mãe, configurando-se como um local de afeto e que contrasta com a mudança para a terra estrangeira. A adaptação da protagonista acontece por causa da passagem de tempo, confirmando o conselho dado por Fernando, logo no início de sua chegada: “A gente acaba se acostumando” (LISBOA, 2010, p.25).

Essa mesma hostilidade do local de deslocamento pode ser observada em *O inventário das coisas ausentes*, quando Nina sai do Rio de Janeiro rumo à Inglaterra. Da mesma maneira que acontece com Vanja, ela se muda para uma cidade pequena e se sente deslocada por não se sentir pertencente ao lugar, pois a paisagem em nada lembra a carioca. O clima também exerce influência nesse sentimento da protagonista e, mais uma vez, a adaptação ao local acontece por conta do tempo decorrido: “E Nina que nunca se imaginara aceitando algo assim, ela que havia sido tão diferente na vida anterior foi aceitando, talvez o lugar, o frio, os dias nublados, talvez a distância, a solidão. Olhava-se no espelho e não se reconhecia” (SAAVEDRA, 2010, p. 55). Assim, vemos que a experiência de mudança para uma nova cultura interfere na identidade das personagens. À medida que o tempo transcorre nesse novo local, elas se transformam, adquirindo outras características, as quais fazem as protagonistas não se reconhecerem. Nesse sentido, olhar para o passado e resgatá-lo podem ser entendidos como uma forma de reconhecimento próprio.

Cabe ressaltar que, nestes romances, a questão de pertencimento é complexa, pois tanto Vanja quanto Nina não nasceram no Brasil, mas há, por parte delas, a identificação com a cultura brasileira. Em *Azul corvo*, Vanja nasceu em Albuquerque, nos Estados Unidos, porém se mudou com sua mãe para o Rio de Janeiro quando ainda era muito pequena. O local é descrito, então, como a cultura afetiva não somente pelo domínio da língua portuguesa brasileira e pela cor da pele morena – que a faz pertencer à América Latina, diferindo-se dos nativos da cultura estadunidense –, mas, principalmente, porque é no lugar onde ela tem a sua primeira memória: “Quando recuo no tempo, a sensação é de ter nascido no Rio de Janeiro,



mais especificamente na praia de Copacabana (...) Nasci, portanto, aos dois anos de idade na praia de Copacabana” (LISBOA, 2010, p. 38-39).

Em *O inventário das coisas ausentes*, Nina e sua avó se deslocaram de seus países de nascimento, mas não se identificam com eles. A protagonista nasceu no Chile, mas, de acordo com o narrador, parece não se sentir deslocada na cultura brasileira. O sotaque denuncia o seu pertencimento, porque apresenta resquícios da língua espanhola. A proximidade entre os países, o passado colonial e a semelhança entre os idiomas podem ser considerados fatores que ajudam a explicar a aproximação e a adaptação da personagem à cultura do Brasil.

Já a avó da protagonista não tem recordações na Espanha, o país de nascimento. De modo semelhante ao que acontece com a narradora de Adriana Lisboa, a memória da avó de Nina conta com a presença do mar, mas, ao contrário da outra narrativa, não acontece na praia, e, sim na travessia para o Chile, em pleno alto-mar:

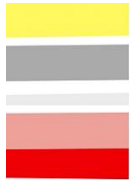
A avó materna de Nina nasceu na Espanha. Os pais eram de Castela (...) Segundo Nina, a avó diz que sua primeira lembrança era justamente ali, a bordo de um navio (...). Ela dizia, é como se minha vida tivesse começado ali, num navio, atravessando o Atlântico. A primeira recordação em terra firme é de Valparaíso (SAAVEDRA, 2014, p.19).

19

Assim, a primeira rememoração dela em terra acontece na nova cultura, fazendo com que a avó de Nina se considere mais chilena do que espanhola. Em *Mar azul*, apesar de continuar se considerando argentina, a protagonista demonstra ter se adaptado bem ao Brasil. Ao voltarmos à questão da transformação identitária face à nova cultura, para a narradora de *Mar azul*, porém, essa transformação acontece antes mesmo da efetiva mudança para o Brasil. Para ela, somente o fato de aprender a nova língua já seria suficiente para que ocorresse uma modificação no seu relacionamento com o mundo exterior:

Meu pensamento rapidamente começou a funcionar na língua nova (...). Eu posso falar em arrebatamento, porque desde o primeiro instante achei que estas palavras, esta cadência, este modo de chamar o mundo seriam meus em alguma medida. Especialmente certas palavras me faziam ser diferente e eu queria aceitar essa revolução íntima (VIDAL, 2012, p. 92-93).

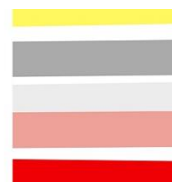
Com isso, podemos ver que a narradora, ao contrário de Vanja e de Nina, não parece se sentir deslocada na cultura estrangeira, compreendendo o processo de mudança cultural a



partir de uma perspectiva positiva. Isso pode ser explicado por conta da proximidade entre as línguas e da curta distância entre Brasil e Argentina, que são países vizinhos, diferentemente das protagonistas de Adriana Lisboa e Carola Saavedra, que se deslocam para outros continentes, estando a uma maior distância do nosso território. Desse modo, vemos que as três personagens encontram-se adaptadas à cultura brasileira. Em *Azul corvo* e *Mar azul*, as narradoras encontram o refúgio e o acolhimento, os quais estão diretamente relacionados à paisagem marítima.

Apesar da adaptação à nossa cultura, a protagonista de Paloma Vidal é lembrada da condição de estrangeira, ao ser interpelada por seu porteiro a respeito de uma notícia do país argentino, ratificando o não-pertencimento ao Brasil. Assim, por mais adaptado e por mais tempo que esteja na cultura, o estrangeiro sempre será considerado um intruso, por não pertencer ao local. Nos romances, esse não-pertencimento se revela por meio da cor, como acontece com Vanja, pelo sotaque, conforme ocorre com Nina, ou até mesmo do conhecimento do passado, presente nas três narrativas.

Para Said (2003, p. 58), o apego às memórias do passado é uma característica natural do estrangeiro, que se sente deslocado e desprotegido por viver em uma outra cultura. Por ser visto como um intruso, são nas lembranças da vida na cultura de origem onde ele pode encontrar um refúgio. As rememorações pretéritas lhe permitem ter o sentimento do pertencimento, o que não é sentido por ele em sua realidade atual, por mais adaptado que ele esteja. Isso produz um descompasso entre passado e presente, pois o tempo e o espaço vividos por ele na realidade não correspondem aos de suas reminiscências e, desse modo, ele ocupa um entre-lugar. Nas narrativas, além do apego às memórias pelas protagonistas, podemos perceber isso também pela conservação de hábitos e costumes das culturas de origem. Em Paloma Vidal, a narradora conserva o hábito de fazer tartas de milho, comida que faz parte da culinária argentina, enquanto, em Carola Saavedra, há um esforço, principalmente por meio dos bisavós espanhóis de Nina, para continuar seguindo as tradições de origem. Ao se instalarem na capital chilena, eles foram morar em um bairro de imigrantes espanhóis e tentaram seguir a tradição de a filha mais velha não se casar para cuidar dos pais. Como o narrador aponta, houve a primeira ruptura no relacionamento entre pais e filhos, porque a avó materna de Nina se casou com um chileno. Através disso, podemos perceber que o

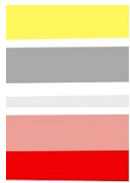


estrangeiro, ainda que esteja adaptado na outra cultura, continua conservando os hábitos de origem.

Além disso, assim como acontece com as outras protagonistas, a narradora de Paloma Vidal demonstra ser solitária, pois, ao descrever sua rotina, tem contato apenas com o porteiro e com as pessoas que fazem natação no mesmo horário feito por ela. A partir disso, podemos afirmar, através de Said (2003, p. 58), que a condição proporcionada pelo deslocamento faz com que o estrangeiro, mesmo demonstrando estar adaptado à nova realidade, seja solitário. Essa solidão ocorre não somente por conta do não-pertencimento à cultura, mas também porque a própria experiência, segundo o teórico, é uma condição solitária: de modo análogo ao luto, cada indivíduo a sente de uma maneira subjetiva, não podendo, portanto, ser compartilhada com os demais, ainda que estejam vivenciando a mesma situação.

Said (2003, p. 55) descreve a dor proporcionada por tal condição como semelhante à da orfandade. Nesse sentido, podemos observar que, para as narradoras de Adriana Lisboa e Paloma Vidal, a vivência de tal sentimento ocorre de modo dúplice: tanto por terem partido de suas terras natais quanto por serem órfãs de mãe e de pai, respectivamente. Por essa perspectiva, torna-se possível afirmar que elas sentem a dor da partida de modo mais agudo, até mesmo pelo fato de o trânsito cultural ser vivido durante a adolescência, conforme já vimos. Como ambas as histórias são tecidas pelas suas vozes, a identificação da agudeza dessa dor se torna mais visível ao leitor, ao contrário do que acontece em *O inventário das coisas ausentes*, em que temos acesso indireto à história de Nina, pois ela é contada a partir do olhar do narrador.

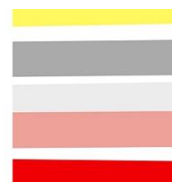
A partir disso, podemos perceber que, em *Azul corvo*, a descrição da paisagem de Lakewood - caracterizada por sua hostilidade e estranheza -, feita por Vanja, sofre influência não só por conta de sua condição de estrangeira, mas também porque o local em nada a faz lembrar a sua mãe. Foi diante do mar de Copacabana que ela viveu os momentos mais marcantes do compartilhamento materno: a primeira lembrança infantil e a descoberta do câncer, o qual, meses depois, vitimou a mãe. Em *Mar azul*, acontece o mesmo: o cenário marítimo, novamente, presenciou as raras situações de partilha com o pai, como a primeira vez em que a protagonista viu o mar. No entanto, diferentemente de Vanja, a paisagem, para a protagonista de Paloma Vidal, não se apresenta como hostil, sendo considerada um refúgio, devido à presença marítima no Rio de Janeiro, fazendo-a lembrar o pai.



Além do mais, ainda em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, Said salienta que a experiência do exílio é de recomeço, em que “o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair (...) Porque *nada* é seguro” (2003, p. 51, grifos do autor). Diante disso, as protagonistas não somente reconstroem as identidades a partir de tal vivência, como também entendem a partida para uma outra cultura como um novo começo. Vanja reflete sobre isso, ao se lembrar das razões que a motivaram a ir para Lakewood. Para ela, o local era um mero utilitário, tendo por finalidade o encontro com o pai. Essa necessidade, porém, surge com urgência após a morte materna: “Eu ia fazer o que tinha que ser feito e não seria o nariz seco à noite que haveria de me trazer uma autoconsciência trágica, depois de tudo. Não mesmo. Minha situação era óssea, era da ordem das estruturas, sem carne, sem glacê” (LISBOA, 2010, p. 27).

Por meio do relato da adolescente, também podemos entender que, além de ser motivada pela procura por seu pai biológico, a saída do Brasil acontece, principalmente, por conta da perda da mãe, semelhante a um trabalho de luto, sendo, por isso, um motivo pessoal. Causa parecida com a que ocorre com a narradora de *Mar azul*: a sua melhor amiga desapareceu por conta da ditadura militar na Argentina. O luto, para a protagonista, também pode ser relacionado à democracia do país, que morreu após o golpe militar. Em diversos momentos do romance, a narradora se questiona sobre quanto tempo o luto pode perdurar, mas não deixa pistas sobre qual luto ela se refere, podendo, dessa maneira, se remeter à amiga, ao pai ou até mesmo à democracia argentina durante tal período – levando-nos a acreditar que ainda se constitui como um trauma para ela. Assim, a motivação da saída da terra natal pela protagonista acontece por razões políticas, pois ela tinha medo de ser perseguida assim como a amiga o foi.

Em *O inventário das coisas ausentes*, esse recomeço acontece, primeiramente, através da família materna de Nina, que migra da Espanha para o Chile em busca de melhores condições de vida e, anos depois, por meio da própria personagem, que, ao se casar, muda-se para uma cidade pequena na Inglaterra. Ao contrário de seus familiares, a protagonista não permanece no lugar, regressando ao Brasil e faz, assim, um outro recomeço de sua vida. Desse modo, podemos perceber que a viagem, ou para uma nova cultura, ou de regresso ao Brasil, em Carola Saavedra, está relacionada à renovação.

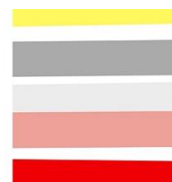


Através das personagens femininas de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra, é possível compreender que a experiência do exílio proporciona uma visão mais crítica sobre a realidade. O olhar comparativo, proveniente da vivência em mais de uma cultura, faz com que as protagonistas, além de recomeçarem as suas vidas e reconstruírem as suas identidades, vivam em um entre-lugar, divididas entre passado e presente, e entre as culturas de deslocamento e de origem – a qual as histórias põem em xeque, pois nem sempre significa ser sinônimo de nascimento, conforme vimos em *Azul corvo* e em *O inventário das coisas ausentes*. Nos romances analisados, as memórias do pretérito são utilizadas como refúgio, porque nelas há o sentimento de pertencimento o qual a realidade não pode fornecer e, dessa forma, tal experiência se caracteriza pela solidão proporcionada, já que não pode ser compartilhada com os demais indivíduos, ainda que eles experimentem a mesma vivência, mas da mesma maneira que vemos acontecer com as protagonistas, vivenciam de modo particular.

4 Breves considerações

A análise de *Azul corvo*, *Mar azul* e *O inventário das coisas ausentes* nos permite compreender que a identidade é um processo, iniciado desde muito antes do nascimento e se constrói por meio do percurso familiar e das experiências pelas quais o indivíduo passa ao longo de sua vida. A partir das narrativas, pudemos ver que, ao contrário dos pressupostos de Hall (2011), o processo identitário não se finda com a morte: através das gerações seguintes, ele é constantemente reconstruído, além de ser ressignificado nos descendentes, devido à influência exercida. Nos romances contemplados, as histórias familiares se repetem nas experiências de trânsito cultural vividas por Vanja, Nina e pela narradora inomeada de Paloma Vidal.

Essa experiência proporciona um olhar mais crítico acerca da realidade e do mundo exterior, permitindo, assim, uma visão comparativa das culturas e das paisagens. O sentimento de deslocamento, proveniente do não-pertencimento, o entre-lugar e a angústia são fatores que corroboram nesse ponto de vista mais crítico acerca dos acontecimentos do cotidiano, colaborando, do mesmo modo, na busca pelo conhecimento de si. Nas narrativas,



falar da outra cultura e da paisagem estrangeira é falar sobre si; é também tentar se compreender. Por isso, ao contarem sobre as experiências fora das culturas originais, as personagens procuram se conhecer melhor, já que tal vivência influenciou na reconstrução de suas identidades.

Isso acontece porque, conforme postula Said (2003, p. 55), a condição de estrangeiro se caracteriza pela dor, a qual é semelhante à da orfandade. Por mais tempo e por mais adaptado que ele esteja na nova cultura, sempre será considerado um forasteiro, nunca pertencerá àquele local, sendo, por isso, um órfão eterno de seu país. Este, assim como os amigos e os pertences pessoais, ficou para trás, pertencendo somente ao passado e às memórias. Ao conhecermos as histórias de Vanja, de Nina e da narradora de *Mar azul*, vemos o quanto de bens materiais e afetivos foram deixados por elas antes da mudança para a nova cultura. Por isso, é possível afirmar que a vivência em outro país modificou as suas constituições identitárias. A partir disso, podemos compreender que as histórias ratificam a afirmativa de Said (2003, p. 46): o exílio é uma fratura incurável, uma ferida não cicatrizável e, com isso, influencia na constituição da identidade.

Referências

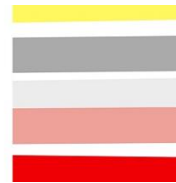
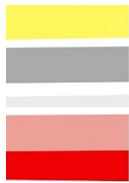
CÁMARA, Mario. Voces que regresan. Memoria y herencia en tres novelas brasilenãs contemporâneas. Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria. Dossier “Testimonio: debates y desafios desde America Latina”. Buenos Aires, Vol 1, Nº 1, ISSN 2362-2075, pp.164-175. Março de 2014.

CHIARELLI, Stefania. Forasteiras - a prosa de Adriana Lisboa e Paloma Vidal. In: DAFLON, Claudete; GÁRBERO, Maria Fernanda; DEMETRIO, Matildes (org). *Agentes do contemporâneo*. 1ª ed. Niterói: EDUFF, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. A narrativa de filiação de escritores judeus brasileiros. In: CHIARELLI, Stefania e NETO, Godofredo de Oliveira (org). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LISBOA, Adriana. *Azul corvo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.



SAAVEDRA, Carola. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho. In: _____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d' Aguiar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Recebido em: 09 de outubro de 2019.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2019.